

**Título: “A Biblioteca de Babel: Uma Cidade Construída com Palavras.”**

**Autora: Germana Zaicaner**

**Instituição: UFPE - Mestrado em Antropologia Cultural**

Este trabalho<sup>1</sup> adota como referencial o conto "A BIBLIOTECA DE BABEL", do escritor argentino Jorge Luis Borges<sup>2</sup>, no qual o autor envereda em um universo onírico, tratando da natureza humana e de suas relações através de um texto rico em imagens literárias e arquitetônicas, tendo como protagonista principal o espaço arquitetônico - uma cidade em palavras; sugerindo várias visões dos espaços, metáforas, figuras e mitos desta biblioteca, que possui todos os livros possíveis - o infinito universo do saber, que é a cidade e suas histórias.

A ‘Cidade de Babel’ se materializa em seus labirintos simbólicos, transitando entre o **não-lugar** do infinito, o **entre-lugar** da história e o **lugar** da memória; enfatizando o confronto do mundo real com o universo da ficção, seja esta científica ou literária.

A ‘*Biblioteca*’ é uma cidade e a ‘*Cidade*’ é uma biblioteca - a ‘*Biblioteca de Babel*’, que se ergue sobre fatos narrados em suas esquinas e dados impressos nas calçadas, como páginas de um livro infinito que dialoga com o espaço abstrato que Borges 'constroe' com palavras, que por sua vez é narrado por bibliotecários e peregrinos, e infinitamente recriado ao permitir a todo leitor a construção de seu próprio universo, a cada nova leitura do conto.

Borges é “el memorioso”, “el archivista”, e sua obra remete a um jogo literário que produz *“um conto dentro de um conto, um sonho dentro de outro sonho, um labirinto contido em outro labirinto, a ficção dentro da ficção, [...] desde os primeiros aos últimos relatos tanto no que se conta, como em como se conta. O labirinto de subdivisões infinitas representa texto e estrutura e se constitui finalmente em imagem visual extraída da leitura; em arquitetura labiríntica, representada em sua forma mais abstrata pela espiral crescente e envolvente, em perpétuo movimento, dos pesadelos.”*<sup>3</sup>

Um dos principais conceitos do universo imaginário Borgiano é a identificação do livro com o mundo: *“Mas se este mundo é um livro, todo livro é o mundo, e desta inocente tautologia, derivam conseqüências temíveis. Para começar, não há limite de referência. O mundo e o livro trocam eternamente e infinitamente suas imagens refletidas”*<sup>4</sup>.

Arrisco-me a reforçar esta tautologia com base na indissociável ligação entre o mundo, o livro, o saber e o homem; uma vez que a história da biblioteca inicia-se com a história do registro da informação, associada à história da origem da humanidade e das civilizações.

---

<sup>1</sup>Este documento foi elaborado a partir do trabalho original intitulado “A Biblioteca de Babel: Uma Arquitetura da Ficção”, de mesma autoria, desenvolvido para conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPE.

<sup>2</sup> BORGES, Jorge Luis. A Biblioteca de Babel. In: Ficcões. Rio de Janeiro. Editora Globo, 1986.

<sup>3</sup> GRAU, Cristina. Borges y la arquitectura. Madrid, Ediciones Cátedra S.A., 1989.

<sup>4</sup> Ibidem.

Antes da escrita ser inventada, o homem guardava consigo o conhecimento produzido e o transmitia por meio da tradição oral ao restrito público imediatamente próximo ao narrador. Os sábios, comunas e anciãos das aldeias guardavam a memória e o saber de seus povos como ‘livros vivos’. Essa questão é muito bem ilustrada na fábula de Ray Bradbury, “Fahrenheit 451”, na qual, para resistir a um regime totalitário que considerava o livro um objeto ilegal, condenando todos os volumes existentes à fogueira, cada cidadão assume o compromisso de decorar o texto integral de um livro, para preservar o seu conteúdo, mesmo depois de queimados todos os exemplares, criando a geração dos ‘homens-livros’<sup>5</sup>.

O desenvolvimento das civilizações, das distâncias que as separavam e o suceder da história, fizeram imperativo o registro do conhecimento produzido. Com a escrita, o narrador passou a dirigir-se à posteridade e a todo o mundo. As idéias e o conhecimento ganharam mobilidade, atingindo um número infinito de pessoas.

A escrita possibilitou a conquista do tempo pela palavra e o livro permitiu a conquista do espaço. Borges concedeu ao leitor a conquista da verdadeira criação da obra literária, atribuindo-lhe o espírito de real provedor e escritor dos delírios fantásticos: *"... ler é, de imediato, uma atividade posterior à de escrever: mais resignada, mais civil, mais intelectual [...] toda história, todo texto, é definitivamente original porque o ato de produção não está na escritura, mas na leitura."* (Grau, 1989).

Seus ensaios, de implicações acentuadamente metafísicas, falam através da ironia e da paródia, dos sonhos e pesadelos humanos sobre a morte, a eternidade, o ser terreno, o ser supremo e a maior invenção humana (ou será divina?) - o tempo. Jogando com alguns dos valores mais sacrossantos da cultura, preserva e esconde simultaneamente, em pensamentos labirínticos, um sistema lúdico de negativas e contradições pertinentes à essência do ser, numa leitura trágica da comédia humana por um manipulador intelectual do espanto. (Arrigucci, 1995)

A relação *arquitetura x literatura* transborda na obra borgiana que conduz a um “espaço literário”, uma geografia imaginária, com planos e tempos que se cruzam mediante uma lógica própria, ou talvez pela ausência de uma lógica, nesta fantástica dicotomia entre a *verdade* e a *ficção*, entre o *lugar* e o *não-lugar*, uma vez que *“lugares e não-lugares se opõem (ou se atraem), como as palavras e as noções que permitem descrevê-los”*. (Augé, 1994)

A obra torna-se circular, sem um fim preciso, tanto por permitir como por se permitir à mágica pluralidade da imaginação, no afã de interpretar, entender ou mesmo adivinhar suas metáforas com as quais Borges manipula e brinca com os leitores, com os personagens e consigo mesmo. Esta é a grande perversão do gênio criador, a grande perversão da intelectualidade, que se diverte em revelar a incoerência que, como parasita, se hospeda em toda certeza. *"Negar o suceder*

---

<sup>5</sup> MACHADO, Arlindo. Códice é o modelo do “livro”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, s.d., s.n.p.

*temporal, negar o eu, negar o universo astronômico, são desesperos aparentes e consolos secretos.[...] O tempo é a substância de que estou feito. O tempo é um rio que me arrebatou, mas eu sou o rio; é um tigre que me despedaça, mas eu sou o tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo. O mundo, infelizmente, é real; eu, infelizmente, sou Borges."*<sup>6</sup>.

A Biblioteca de Babel é o universo em toda sua grandeza, com direito a todas as lendas e mitos próprios de um espaço fictício. Possui todos os livros possíveis e neles estão contidas as respostas para todas as questões do universo, de todos os tempos e de todos os seres, mas são desconhecidas suas localizações, que podem estar em qualquer galeria de qualquer setor, entre os muitos deste universo. *"O universo (que outros chamam a Biblioteca) constitui-se de um número indefinido, e quiçá infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por varandas baixíssimas. De qualquer hexágono, vêm-se os pisos inferiores e superiores: interminavelmente."*

Ao entrar pela primeira vez na Cidade da "Biblioteca de Babel", soube o número de livros por estante e o número de estantes por galeria hexagonal. Cheguei a subestimar Borges ou, o que seguramente é mais provável, cheguei a me superestimar ao acreditar que, com esses e outros dados tão precisos, o mistério da biblioteca não seria assim tão indecifrável. As galerias, as estantes e os livros são infinitamente numerosos, mas é impossível contá-los seguindo a álgebra tradicional. Não se sabe o início nem o fim da biblioteca - ela permanece infinita.

*"Acabo de escrever infinita. Não interpolei esse adjetivo por um costume retórico; digo que não é ilógico pensar que o mundo é infinito. Aqueles que o julgam limitado postulam que em lugares remotos os corredores e escadas e hexágonos podem cessar inconcebivelmente - o que é absurdo. Aqueles que o imaginam sem lindes, esquecem que os abrange o número possível de livros. Ouso insinuar esta solução do antigo problema: A Biblioteca é ilimitada e periódica. Se um eterno viajor a atravessasse em qualquer direção, comprovaria ao fim dos séculos que os mesmos volumes se repetem na mesma desordem (que, reiterada, seria uma ordem: a Ordem). Minha solidão alegra-se com essa elegante esperança."*

Dentro da cidade-biblioteca, se é que existe o "dentro" e o "fora", as relações, as atividades, o tempo, as funções - tudo é complexo e fragmentado. Ela possui referências geográficas, pontos cardeais e características climáticas. Divide-se por regiões, andares, setores e hexágonos. Nesses 'espaços' as pessoas nascem e têm uma relação com um lar - o 'hexágono natal'. Circulam, dormem, pensam, viajam, vivem rotinas cotidianas e como em outras sociedades, estabelecem hierarquias de funções, relações e ambientes.

A biblioteca é eterna, independe dos homens, mas o tempo também passa nesta 'cidade'. Não se sabe se com a mesma velocidade de para quem está do lado de cá das linhas; o sabido é que

---

<sup>6</sup> MONEGAL, Emir R. Borges: Uma Poética da Leitura. São Paulo, Editora Perspectiva. 1980

lá as pessoas também crescem, envelhecem e se transformam com o passar do tempo. Existe uma evidente, mas não tão compreensível relação *tempo x espaço*. Ela comporta um contexto formado pelas adições e superposições milenares de uma estrutura caótica - a desordem do labirinto do universo. ***“A Biblioteca existe ab aeterno. Dessa verdade cujo corolário imediato é a eternidade futura do mundo, nenhuma mente razoável pode duvidar”***.

Decifrar a Biblioteca de Babel é decifrar o universo. Muitos acreditam na existência de um livro que contém em suas linhas, e principalmente nas entrelinhas, a resposta que todos buscam: a alma da cidade-biblioteca. Este livro ainda não foi encontrado. As buscas continuam nos delírios dos homens. A existência do livro ou de alguém que o tenha decifrado sobrevive nas especulações e fantásticas histórias que habitam os inumeráveis hexágonos e salões de Babel.

A quem se arrisca a ‘vivenciar’ a Biblioteca de Babel, Borges impõe uma grande controvérsia, remetendo o texto à passagem bíblica da Torre de Babel, da presença divina irada com a pretensão humana e que a castiga mais uma vez, após o dilúvio, gerando a dispersão da espécie humana ao inseri-la em uma interminável confusão labiríntica de idiomas, letras e informações. Apesar da biblioteca ofertar todo o conhecimento do mundo, registrado nos incontáveis livros, dispostos nas inúmeras prateleiras, os viajantes e bibliotecários não conseguem decifrar e entender todos os livros e o conhecimento que contêm.

***“Quando se proclamou que a biblioteca abarcava todos os livros, a primeira impressão foi de extravagante felicidade. Todos os homens sentiram-se proprietários de um tesouro intacto e secreto. [...] se aguardou então o esclarecimento dos mistérios básicos da humanidade: a origem da Biblioteca e do tempo.[...] A certeza de que tudo está escrito nos anula ou nos fantasmagoriza”***.

O livros são escritos em todos os idiomas criados pela humanidade, existindo ainda aqueles impenetráveis ou que não são traduzíveis por serem frutos de línguas passadas, remotas ou ignoradas por quem os encontram. Nem sempre se descobre a saída do labirinto de letras, pois, além de todos estes obstáculos, ainda existe a dificuldade de saber em que livro estará registrado o conteúdo que se busca, se o mesmo existe e onde se localiza, visto que pode estar em qualquer galeria de qualquer setor, entre os muitos do universo de “Babel”.

A biblioteca oferta todo o conhecimento da humanidade, mas paradoxalmente é uma excepcionalidade o encontro e a compreensão desse conhecimento. Com esta condição de excepcionalidade, Borges instiga a eterna polêmica da distância que há entre o divino e o humano, entre o homem e o saber, entre o subjetivo e o objetivo; afirmando mais uma vez que o conhecimento é infinito e ainda mais infinita é sua busca.

***“O homem, o bibliotecário imperfeito, pode ser obra da sorte ou dos demiurgos malévolos; o universo, com sua elegante dotação de prateleiras, de tomos enigmáticos, de escadas***

*infatigáveis para o viajante e de latrinas para o bibliotecário sentado, somente podem ser obra de um deus".*

Com precisão, ou com o que pode ser considerado um minucioso rigor da palavra, Borges descreve a arquitetura de sua biblioteca: "[...] *A distribuição das galerias é invariável. Vinte estantes, em cinco longas prateleiras por lado, cobrem todos os lados menos dois; sua altura, que é a dos andares, excede apenas a de um bibliotecário normal. Uma das frentes livres leva a um saguão estreito, que desemboca em outra galeria, idêntica à primeira e a todas. [...] Por aí passa a escada espiral, que se abisma e se eleva para o longe.*"

Os elementos vão sendo apresentados sistematicamente no decorrer do texto, e é a uniformidade espacial, característica fundamental do labirinto, que impede a orientação dentro da biblioteca. A distribuição das galerias é invariável, a forma das mesmas - hexagonal - também é invariável, assim como os móveis, que tanto na quantidade, como na sua distribuição, e conteúdo, são invariáveis: "*A cada um dos muros de cada hexágono correspondem cinco prateleiras; cada prateleira encerra trinta e dois livros de formato uniforme; cada livro é de quatrocentas e dez páginas; cada página, de quarenta linhas; cada linha, de umas oitenta letras de cor preta.*"

Esta uniformidade é reforçada com a superposição vertical e horizontal de elementos idênticos, eliminando qualquer elemento referencial, permitindo à Biblioteca crescer para todos os lados, interminavelmente. A visão que se tem de qualquer hexágono é sempre a mesma, em múltiplas repetições, subindo ou descendo, indo para o Norte, Sul, Leste ou Oeste. Essa desorientação é a pedra fundamental do labirinto borgiano, munido de escadas espirais que se elevam até o longe. Como saber onde é o longe?

*"A Biblioteca é ilimitada e periódica. Se um eterno viajor a atravessasse em qualquer direção, comprovaria ao fim dos séculos que os mesmos volumes se repetem na mesma desordem (que, reiterada, seria uma ordem: a Ordem)".*

Não é por acaso que a imagem de 'labirinto' ocorre ao leitor durante a leitura, apesar do termo não ser expresso textualmente uma única vez no conto. A imagem marcante é a de um grande labirinto de proporções infinitas que recobre todo o Universo, um "*espaço destinado ao engano e à desorientação*"<sup>7</sup>. Estas imagens vão surgindo e concatenando-se, como um grande quebra-cabeça, erguendo uma construção imaginária na mente do leitor.

Outro elemento de forte carga simbólica na Biblioteca, apesar de sua discreta 'aparição', mas que representa um papel de extrema importância e força é o espelho. "*No saguão há um espelho, que duplica as aparências fielmente. Os homens costumam inferir desse espelho que a Biblioteca não é infinita(se o fosse realmente, para que essa duplicação ilusória?), prefiro imaginar que as superfícies polidas representam e prometem o infinito...*".

---

<sup>7</sup> GRAU, Cristina. Borges y la arquitectura. Madrid, Ediciones Cátedra S.A., 1989. 189p.

O espelho é uma superfície mágica, para olhos que buscam multiplicações ilusórias ou o reflexo de suas almas e de suas histórias. Reproduz objetos e gestos, pronuncia trajés e páginas desvanecidas. Edifícios e palavras contemplam-se em seus espelhos mútuos.

A biblioteca, em toda sua grandeza, é a Cidade de Babel - a Cidade do Conhecimento, onde as pessoas vivem e coexistem com os livros. Uma associação e franca confrontação do labirinto realizado por deuses - o universo, com aquele concebido pelos homens - a cidade; que abriga e oprime o homem, que o defende e o confunde, na eterna e vã tentativa de usurpar o que é próprio dos deuses: a criação.

Espaço próprio à especulação sobre os limites do conhecimento e do homem, ampliando seu universo ao registrar outra forma de compreensão do saber: a da informação ativa e pulsante que resulta da troca, da comunicação entre as pessoas, de seus gestos e da experiência vivida. ***“O lugar se completa pela fala, a troca alusiva de algumas senhas na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores”***. (Augé, 1994)

A produção e a paralela apreensão do conhecimento são intermináveis por estarem diretamente relacionadas com os seres e os palcos de suas existências - as cidades, que imaginárias ou reais, não são estáticas, vivem um contínuo processo de crescimento e renovação; um aglomerado de fragmentos ao qual sempre se assomam novos fragmentos, incessantemente alargando as muralhas invisíveis de seus limites, e ***“feliz é aquele que todos os dias tem Fílide ao alcance dos olhos e nunca acaba de ver as coisas que ela contém”***<sup>8</sup>.

A biblioteca e a cidade se interpenetram, assumem características comuns, num processo de simbiose - nutrindo-se mútua e continuamente. A biblioteca, enquanto espaço produtor e emanador do conhecimento, passa a comportar um contexto fragmentado e diverso como a cidade e seu cotidiano urbano.

Por sua vez, a cidade se revela uma grande e diversificada biblioteca, rica em sensações, atitudes, imagens, sempre criando novas expressões do conhecimento, que de alguma forma vivenciadas e registradas, alimentam uma memória infinita, sem limites temporais, geográficos ou temáticos. É plena de símbolos e complexas relações, nem sempre perceptíveis a um simples olhar, mas que refletem inúmeras intenções e idéias; fazendo de cada contexto e rotina tema para uma nova fábula, que retrata o real através do irreal, e por vezes, o irreal através do real.

A cidade é feita ***“... das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado... se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata... Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios... O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar...***

---

<sup>8</sup> CALVINO, Italo. As Cidades Invisíveis. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, pág.85.

*como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde...”*<sup>9</sup>

Babel é uma arquitetura da ficção, metáfora borgiana para o centro cabal do universo e como tal, incorpora todos os lugares, mas não pertence a nenhum em particular. O contexto que a situa não é o espaço físico - urbano, mas o espaço da subjetividade humana e do comportamento social que ela demanda, que rompe com qualquer conceito outrora imposto pela geometria e geografia, anulando distâncias físicas e marcos temporais.

A Biblioteca é o elo conector da cidade e de seus universos do conhecimento, do espaço e do significado, do homem e do mundo. Ela é infinita enquanto for infinita a produção de conhecimento, face a construção e reconstrução do mundo; gerando, acompanhando e participando deste processo.

O universo de Borges, na forma da Biblioteca de Babel, legitima sua condição de imensurável ao universalizar o saber. Formaliza sua condição de infinita por meio de estruturas articuladas, num conjunto de macro e micro narrativas, que interagem explorando o jogo de seriados, ritmos e ausências nas tantas visões dos vários espaços arquitetônicos projetados com ‘sólidas palavras’ por cada leitor, que finda por escrever e rescrever seu texto, infinitamente.

### **Referências Bibliográficas**

---

- ARRIGUCCI JR, Davi. Borges ou do conto filosófico. Folha de São Paulo, São Paulo, 03 abr. 1995. Jornal de Resenhas, p. A-16-19.
- AUGÉ, Marc. Não-lugares. Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- BORGES, Jorge Luis. A Biblioteca de Babel. In: Ficções. Rio de Janeiro. Editora Globo, 1986.
- CALVINO, Italo. As Cidades Invisíveis. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, pág.85.
- GRAU, Cristina. Borges y la arquitectura. Madrid, Ediciones Cátedra S.A., 1989.
- MACHADO, Arlindo. Códice é o modelo do “livro”. Folha de São Paulo, São Paulo, s.d., s.n.p.
- MONEGAL, Emir R. Borges: Uma Poética da Leitura. São Paulo, Editora Perspectiva. 1980.

---

<sup>9</sup> CALVINO, Italo. As Cidades Invisíveis. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, colagem de trechos das págs. 14,15 e 18.